

## **A TRAJETÓRIA DAS ESCOLAS LIBERTÁRIAS NO BRASIL: MEMÓRIA E HISTÓRIA.**

Levi Fernando Lopes Vieira Pinto [1]

**Palavras-chave:** Educação libertária. Anarquismo. Educação e memória. História da educação.

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo trazer à memória da história da educação brasileira as escolas de práticas libertárias que se desenvolveram no Brasil no final do século XIX até a primeira metade do século XX, sobretudo no estado de São Paulo. Para além da necessidade de (re)contar a história dessas escolas, evitando o “esquecimento histórico”, tomar contato com as experiências da educação libertária pode servir de possibilidade reflexiva para crítica ao sistema tradicional de educação pela qual nos confrontamos em sala de aula. Porém, antes de tratarmos das escolas libertárias no Brasil, é necessário falar sobre o que é educação libertária, ainda que em termos gerais, para que se possa melhor contextualizar sua importância nos movimentos sociais brasileiros da época.

A educação libertária é uma concepção de educação defendida e desenvolvida pelos anarquistas. O termo “libertário” está associado ao anarquismo justamente por estes defenderem principalmente a liberdade dos indivíduos. Oposta ao conceito naturalista de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e John Locke (1632-1704) de que a liberdade é um estado natural dos seres humanos, os anarquistas defendem que a liberdade é uma conquista gradual e eminentemente social. A partir do momento em que um indivíduo produz conhecimento, bem como se apropria de tudo aquilo que já foi produzido, ele conquista sua liberdade. Mas, como a liberdade é social, um indivíduo só é plenamente livre quando seu companheiro também conquista sua liberdade. Ou seja, ao contrário do que muito se pensa, o anarquismo acredita que só em sociedade é que os seres humanos podem ser livres. Tal afirmação vem ao encontro das ideias de Piotr Kropotkin (1842-1921) que, ao estudar a evolução dos animais na Sibéria, percebeu que o fator de competição nas sociedades dos animais estudados é inexistente. Os animais, para garantirem a sobrevivência de sua espécie, ajudam-se mutuamente. Kropotkin publica seu livro *Ajuda Mútua* dando um caráter científico para a ideia de que a ajuda ao próximo e a liberdade só é conquistada através da ajuda mútua. Essa

formulação já era defendida por Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e Mikhail Bakunin (1814-1876).

Ao acreditar que liberdade é uma conquista gradual dos seres humanos através dessa apropriação cultural, os anarquistas veem a educação como o processo da conquista dessa liberdade. Por isso, a educação sempre foi uma das maiores preocupações dos militantes anarquistas. A educação libertária encontrou várias experiências pelo mundo, onde citamos a Escola *La Ruche* (A Colméia), dirigida por Sebastien Fauré, o Orfanato Prévost, de Paul Robin, a escola Iasnaia Poliana, de Liév Tolstói e, sobretudo, a que maior exerceu influência no mundo no início do século XX, principalmente no Brasil, a *Escuela Moderna de Barcelona*, de Francisco Ferrer i Guàrdia. Essas escolas eram autogestionadas, antiautoritárias, livre de qualquer influência do governo ou da igreja; produziam, em sua maioria, seus próprios materiais didáticos e também jornais e periódicos (para isso, contavam com uma imprensa própria). Preocupavam-se também com a coeducação dos sexos numa época onde meninos e meninas conviverem na mesma sala de aula era imoral. Pensavam no conceito da *educação integral* do indivíduo, ou seja, a educação deveria desenvolver o ser humano em todas as suas potencialidades. A prática e a teoria, na educação libertária, não são dois elementos ensinados separadamente, mas sim em conjunto. O trabalho manual está presente no ensino.

As ideias anarquistas chegam ao Brasil no final do século XIX, com destaque aos anos de 1890, com a vinda de inúmeros imigrantes europeus para o nosso país que estava num lento processo de industrialização. Essa industrialização gerou impactos nas cidades brasileiras, sobretudo com o surgimento de uma classe operária e uma pequena burguesia industrial. Os sindicatos e associações operárias começaram a se fortalecer e o anarquismo encontrou espaço para se fomentar enquanto movimento social. É importante destacar aqui que o anarquismo, por ser um *movimento*, nunca se estabeleceu enquanto organização através de partidos políticos. O anarquismo é uma *ação*, um *conjunto de ideias* e que não se fecha em dogmas. Sendo assim, os ideais anarquistas eram divulgados nesses espaços operários através de discussões e, principalmente, através de jornais e periódicos. Citamos como exemplo três periódicos anarquistas que eram impressos na cidade de São Paulo e tem influência da imigração italiana, sendo eles o *Gli Schiavi Bianchi* (1892), *L'Asino Umano* (1892) e *L'Avvenire* (1894).

Nas discussões anarquistas que se desenvolviam nos sindicatos e trabalhadores, Calsavara (2004) e Vidigal (2013) nos mostra que a preocupação desses militantes está relacionada, sobretudo, a educação dos filhos desses trabalhadores. Não somente dos seus filhos, mas também havia uma preocupação em pensar na educação da família do trabalhador. Por isso, muitas das escolas libertárias fundadas no Brasil abriam as escolas não só para a educação regular das crianças, mas também criavam atividades extracurriculares no qual possibilitava a participação de toda a família. Essas atividades incluíam desde passeios e seções de cinemas educativos até pequenas festas.

Através de pesquisas bibliográficas, principalmente nas obras de Edgar Rodrigues (1992) e Vidigal (2013), fizemos um levantamento das escolas libertárias do Brasil que começaram a surgir no final do século XIX e que se estenderam até a primeira metade do século XX. A primeira escola que podemos destacar é a Escola da União Europeia (1895), fundada no Rio Grande do Sul, “provavelmente originária da iniciativa dos ex-integrantes da Colônia Cecília” (VIDIGAL E AL., 2013). Em Porto Alegre também foi fundada a Escola Élisée Réclus. Réclus foi um importante militante anarquista europeu que visitou nosso país, inspirando o nome da escola de Porto Alegre. No estado de São Paulo, nasce a Escola Sociedade Internacional (1904), criada pela União Operária dos Alfaiates, na cidade de Santos. Na mesma cidade, em 1907, a Federação Operária cria a Escola Noturna. Surgem também as Escolas Livres (1909), fundadas pela Liga Operária em Campinas. Em Sorocaba também foi criada a Escola da Liga Operária de Sorocaba (1911). Teófilo Ferreira, em 1912, cria a Escola da União Operária de Franca, na mesma cidade. Na grande São Paulo, em São Caetano, surge a Escola Moderna (1919), inspiradas nas ideias de Ferrer. Na cidade de São Paulo, surgem as Escolas Modernas Nº1 e Nº 2 (1912), sendo a primeira dirigida por João Penteado (que hoje conta com um acervo na USP e na UFSCAR) e segunda por Adelino Pinho. Ainda em São Paulo, no bairro da Mooca, Florentino de Carvalho inaugura a Escola Nova (1912) e, em 1920, a Escola Joaquim Vicente.

Infelizmente, muito da memória dessas escolas foram riscadas da história da educação brasileira devido aos seus propósitos políticos. Além disso, como Vidigal nos diz, muitas escolas libertárias foram fundadas no Brasil, mas não chegaram sequer a serem mapeadas em decorrência desse “esquecimento histórico” que estas práticas caíram. Por isso, ao resgatarmos a memória dessas escolas, possibilitamos

que a história e a trajetória da nossa educação sejam preservadas e reconquistem seu espaço na história por seus impactos a um determinado grupo social. Além disso, a partir do estudo das experiências dessas escolas pode trazer à luz novas práticas e didáticas que podem servir de subsídio para os educadores de hoje.

### **Referências**

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil: A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org.). *Educação Libertária no Brasil – Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

---

### **Informações sobre os autores:**

[1] Graduando em Educação Musical. Instituto de Artes da UNESP – Campus São Paulo.  
Email: levi.papageno@gmail.com